



# VERA LAGOA

## FALA DE SI E DOS OUTROS

ENTREVISTA DE CARVALHO RAMOS  
FOTOS DE VELO GOMES

*Entre a Maria Armada Falcão e a Vera Lagoa não existe diferença. Sou uma única mulher, com uma única personalidade.*

Mulher tão conhecida como controversa, Vera Lagoa continua a merecer o interesse e as atenções do grande público, pese embora (ou também por isso mesmo...) o arrojo irreverente – e por vezes discutível – das suas posições.

Vera Lagoa das «Misses» e das «Bisbilhotices», é agora Vera Lagoa dos «Revolucionários que eu conheci» e de muitas outras coisas que têm constituído autênticas «pedradas no charco». De personalidade bem vinçada, a nossa entrevistada não é, no entanto, a «mulher difícil» que muitos julgam adivinhar através dos seus escritos.

A sua coragem (enaltecida por alguns dos muitos que a combatem) «esconde» uma mulher sensível e franca com quem é agradável dialogar. Daí a facilidade com que conseguimos o trabalho que oferecemos a seguir e que se não for revestido de outros méritos, evidencia, pelo menos, uma qualidade: a preocupação de respeitar, fielmente, as palavras e as ideias de Vera Lagoa, reproduzidas tal como as registámos.

– Que diferença existe entre a Maria Armada Falcão e a Vera Lagoa? – inquirimos, a abrir o diálogo.

– Já respondi várias vezes a essa pergunta, mas nunca é demais... Entre a Maria Armada Falcão e a Vera Lagoa, não existe qualquer diferença. Sou uma única

mulher, com uma única personalidade e uma maneira de ser que pode ser muito discutida, mas é minha. E só não assinava Maria Armada Falcão porque quando fui para os jornais, me pediram para arranjar um pseudónimo...

– Entretanto, depois do 25 de Abril, aproveitou para ser mesmo Maria Armada Falcão. Pelo menos, foi assim que assinou algumas crónicas no «Diário Popular»... – atalhámos.

– Está absolutamente enganado. Aliás, quem me conheça bem, sabe que não sou pessoa para virar a cara. Deixar de ser a Vera Lagoa depois do 25 de Abril, porquê?

– À guisa de explicação:

– Aconteceu, simplesmente, isto: um grupo de colegas do «Diário Popular» – revolucionários de última hora... – entendeu que Vera Lagoa era um pseudónimo fascista (porquê?) e resolveu jogar com o meu nome, lembrando-se, provavelmente, do meu passado. Sou filha de um deportado político, fui secretária de Humberto Delgado, e acharam conveniente (e oportuno...) aproveitar o meu verdadeiro nome. E embora continuasse a assinar Vera Lagoa, o que aparecia no jornal era Maria Armada Falcão...

– Depois:

– Mas fizeram mais. Sempre que nas minhas crónicas pretendia explicar ao público os motivos da «alteração» (de que não era culpada, como já disse...) o esclarecimento não saía. Foi isso (além de outras coisas semelhantes...) que me levou a

deixar o «Diário Popular», sem qualquer explicação.

– Com um sorriso:

– Naturalmente, como não me despedi, ainda continuo a pertencer aos quadros do jornal...

### CRÓNICA SOCIAL TEM CONTINUADORRES

– Ainda a propósito de indiferenças: há uma distância muito grande entre a Vera Lagoa das «Bisbilhotices» e a que dirige o semanário «O Diabo»?

– A distância está apenas no tempo... A época era outra e os trabalhos também. Aliás, a chamada «crónica social» que eu iniciei no nosso jornalismo, foi muito criticada mas teve brilhantes continuadores. Quem duvidar que leia o «Expresso», o «Tempo», o «País» ou o «Jornal»...

Noutro tom:

– Curiosamente, o jornal onde se dedica menos espaço a esse tipo de trabalho, é «O Diabo»...

– Intencionalmente?

– Nem pensar... Apenas porque o jornal é pequeno para os muitos assuntos importantes que queremos abordar...

– Há que aproveitar a inexistência da censura... – gracejámos.

– Bem... Esse é um assunto muito complicado. Tenho dez processos por abuso de liberdade de imprensa, o que reflecte uma censura bastante rígida...

— Considera-se alvo de qualquer perseguição?...

— Não. Há mais jornalistas com processos... O que penso é que não há liberdade de imprensa. Quem está no poder exige que não lhe toquem no nome, exige que não lhe toquem nos «afilhados», exige que não lhe toquem nos numerosos «tachos», exige uma infinidade de coisas... Então, aparece uma nova versão da censura...

De forma veemente:

— Noutros tempos, havia a censura prévia e nós já sabíamos até onde podíamos ir...

— O que não obstava a que houvesse muitos cortes...

— Claro. Eu própria embora acusada de escrever sobre futilidades, tive crónicas cortadas totalmente. Só que não fiz como outros colegas, que depois do 25 de Abril, vieram para os jornais com uma «retrospectiva dos cortes», para darem a imagem de vítimas da censura... E não o fiz, porque não preciso de justificar seja o que for, pois a minha própria existência justifica as minhas atitudes...

— Lutadora plena de garra, que pensa a Vera Lagoa do comportamento da mulher portuguesa, após o 25 de Abril?

— Penso o melhor possível. As nossas mulheres combateram fortemente o Gonçalo, chegando a ir para a rua mostrar o seu desacordo com o que se passa-

va, o que lhe valeu apanharem pancada da Polícia Militar e do P.C.P... Aliás, não só por essa manifestação como por muitos artigos de mulheres que escreviam (e escrevem, felizmente!) a nossa acção foi muito elogiada, tanto no país como no estrangeiro.

Após ligeira pausa:

— Eu própria (desculpe-me a imodestia) fui entrevistada para vários jornais estrangeiros acerca do assunto, tendo artigos transcritos na «Manchete», de S. Paulo, com comentários elogiosos ao «combate» em que participara. E o Bispo do Porto escreveu-me uma carta elogiando a minha atitude (minha e de outras mulheres portuguesas) quando chamámos a atenção para o facto das Forças Armadas estarem a exorbitar... Como vê a acção das mulheres não passa despercebida...

### MULHER REALIZADA NÃO É FEMINISTA

— É feminista?

— Não. Acho absolutamente ridículo ser feminista, porque me considero uma mulher realizada. Trabalho desde muito nova e sempre tive direitos e deveres iguais aos dos homens. O feminismo, em minha opinião, é uma luta de mulheres frustradas que pretendem uma igualdade que nunca atingiram...



*Tenho dez processos por abuso de liberdade de imprensa, o que reflecte uma censura bastante rígida e prova que não há liberdade para quem escreve.*

— Nem todas as mulheres escrevem nos jornais, pelo que as formas de luta terão de ser diferentes... Quando lhe perguntei o que pensava do comportamento das mulheres portuguesas, referia-me à generalidade...

— A resposta tem de ser idêntica, pois penso muito bem...

Depois:

— Aliás, a atitude da mulher portuguesa, numa maneira geral, deve ser interpretada como heróica. Como directora dum jornal, ganho bem a minha vida, mas conheço as situações de mulheres cujo dinheiro não lhes chega para viver... As mulheres — da pequena empregada à dona de casa — têm uma existência difícil, o mesmo acontecendo com os homens, cujas vidas não são melhores...

Com um sorriso:

— Se temos conseguido sobreviver, no meio de toda esta crise, é porque somos, de facto, pequenos heróis...

— Em sua opinião, quais são, actualmente, os maiores problemas da mulher portuguesa?

— Os mesmos problemas que se deparam aos homens portugueses... Como já lhe disse, não vejo quaisquer diferenças. Há as rendas de casa altíssimas, o preço dos produtos alimentares, a educação dos filhos...

Logo a seguir:

— Os problemas que se deparam a todos nós, são de subsistência, como de subsistência é o problema deste País. Felizmente que somos muitos a lutar, porque não queremos morrer, assim como não deixamos que o País morra...

— Falar com Vera Lagoa sem abordar o problema dos jornais, seria imperdoável... Que pensa do chamado «projecto Roque Lino», para a reestruturação da imprensa?

— Não penso nada...

— Sinceramente?

— Sinceramente. Não penso nada, porque não acredito no que esses senhores dizem. Certa vez, fiquei entusiasmadíssima com as declarações que o Manuel Alegre fez na televisão e, afinal, nada daquilo se concretizou. A partir daí, deixei de acreditar. Deixei de acreditar e de pensar no que eles dizem...

Mudança de assunto (sem sair da imprensa...) e uma nova pergunta:

— Que pensa do jornalismo que se faz actualmente em Portugal?

— O jornalismo é o espelho das pessoas que o fazem e esta classe não me parece muito diferenciada de todas as outras. Há jornalistas muito sérios (poucos) e jornalistas desonestos (muitos). É o que se passa, afinal, em todos os campos. A revolução embebedou muitos e fez medo a muitos mais... Há pessoas que pareciam perfeitamente rectas e tornaram-se, depois de Abril de 74, pequenos denunciantes... Há meses, ao falar de um colega (o nome não interessa, para não lhe dar projecção...) escrevi que ele tinha uma vocação irresistível: a de «pide». Pois houve um homem (que trabalhou na Pide durante muitos anos) que me escreveu di-



*Não sou feminista porque me considero uma mulher realizada. O «Feminismo» é uma luta de mulheres frustradas que pretendem uma igualdade que nunca atingiram.*

zendo que eu havia cometido um erro: devia ter escrito «bufo» em vez de «pide», pois pertencer à antiga polícia política, não significava, obrigatoriamente, ser um denunciante. Pois muito bem: muitos portugueses se tornaram «bufos» depois da Revolução. Já teriam a tal vocação irresistível. Basta-lhes aproveitar a oportunidade...

### UMA EQUIPA SEM ESTRELAS MAS HONESTA

Em prosseguimento do diálogo, uma pergunta «incómoda», a que Vera Lagoa replicou sem a mínima hesitação:

— Que atributos exige aos colaboradores do seu jornal?

— Sou muito pouco exigente... A única coisa que lhes exijo é que sejam honestos e profissionais briosos. Nunca lhes perguntei a que partido pertencem, nem faço censura interna... Não terei as chamadas estrelas do jornalismo (agora também há disso...) mas tenho, concerteza, uma equipa de trabalho formada por gente honesta, que não se vende, seja qual for o valor da oferta...

— Mulher muito popular — e com ascendência sobre certas camadas... — Pensa poder ser influente na resolução de alguns dos problemas que preocupam os portugueses?

— Seria uma grande pretensão da minha parte responder com uma afirmativa... mas faço o possível. Tenho, na verdade, muitas mulheres a meu lado, mas mulheres de todas as camadas sociais. Antigamente, tinha comigo as «mulheres de sociedade». Hoje a «aderência» está mais diversificada, desde as mulheres da sociedade que resta, às mulheres da nova

sociedade que nasceu, passando pelas trabalhadoras dos mercados, que são as minhas grandes amigas...

Prosseguindo:

— São elas que me perguntam muitas vezes: «Então, D. Vera, quando é que nós vamos para a rua?» «Claro que sou mulher para ir para a rua, sem qualquer espécie de receio... Só tenho estado à espera que as coisas se resolvam, sem ser preciso isso... Temos um Governo e um Presidente da República em quem tenho confiado, mas se eles não fizerem nada, talvez nós, as mulheres, consigamos alguma coisa...

— Protestar contra o que achamos mal. É possível que quando esta entrevista vier publicada, já as coisas estejam resolvidas, mas se assim não acontecer, iremos mesmo. Não com panelas, porque acho isso ridículo. Nem de burro, como chegámos a pensar, porque seria muito caro... Mas protestaremos (como os homens protestam...) contra as muitas coisas erradas neste país. Se os homens podem fazer manifestações, nós também podemos, embora saibamos que há o hábito de chamar fascistas às mulheres que protestam. Há que denunciar situações erradas que prejudicam muito o País que é de todos nós. Há que acabar com situações de protecção a certas famílias (há algumas com sete e oito pessoas, todas colocadas de forma a ganharem 15 e 20 contos...) pois é chegada a altura de acabar com os privilégios. Enfim, há muitas coisas a fazer.

Depois:

— Há que acabar, por exemplo, com o Conselho da Revolução que constitui um grande peso na bolsa dos portugueses. Oxalá que isto não seja considerado uma ofensa, mas a verdade é que temos um

Governo e um Presidente eleitos, e não podemos continuar a suportar despesas com pessoas que ninguém escolheu...

### CONCURSOS DE BELEZA

A entrevista estava praticamente terminada. Vera Lagoa é uma mulher extremamente ocupada e abusar do seu tempo seria grave incorreção. No entanto — aproveitando a boa disposição da nossa interlocutora — fizemos-lhe uma nova pergunta:

— Voltaria a dirigir concursos de beleza, se para tal fosse convidada?

— Talvez a minha resposta o surpreenda, mas já recebi vários convites para tornar a fazer a «Miss Portugal»...

— Recusou-os?

— Recusei, apenas por falta de tempo... Aqueles concursos não fazem qualquer mal ao Mundo e não estou arrependida de ter dirigido alguns. Era um trabalho como outro qualquer de que o «Diário Popular» — único responsável — me incumbia.

Sorrindo:

— Aliás, creio que nenhuma das concorrentes aos vários concursos, se viu prejudicada pela sua participação. Algumas, até se terão politizado, pois já as tenho visto por aí, de punho erguido e a gritarem pelo P.C.P...

— Se houver insistência nos convites... — sugerimos.

— Não sei nada. As pessoas que chegam ao que cheguei, num país como o nosso, não podem traçar planos de vida. Amanhã posso perder o lugar que tenho e ser obrigada a viver dos concursos de beleza... Nunca se sabe...

*Os concursos de beleza não trazem mal ao mundo e não estou arrependida de ter dirigido alguns. Era um trabalho como qualquer outro de que o «Diário Popular» (único responsável) me incumbia.*

